

**NAS PEGADAS DOS VODUNS
DE COMO DEUSES AFRICANOS DO DAOMÉ
ACLIMATADOS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO,
PARTINDO DE BELÉM DO PARÁ,
VIERAM A SE ESTABELECEM EM SÃO PAULO,
DEVIDAMENTE ACOMPANHADOS
DOS ENCANTADOS DO TAMBOR-DA-MINA ***

*Reginaldo Prandi***

As mais diversas modalidades das religiões afro-brasileiras, senão todas elas, podem ser encontradas na São Paulo de hoje. Provenientes das mais diferentes regiões do Brasil, onde se originaram a partir da herança cultural do escravo, essas variantes religiosas convivem e disputam entre si, e com as demais religiões da metrópole paulista, adeptos, clientes e reconhecimento social. Mas a diversidade religiosa afro-brasileira em São Paulo é recente, não tendo mais que trinta anos.

A umbanda, de seu nascimento no primeiro quartel deste século até os anos 60, foi a grande e praticamente única religião afro-brasileira em São Paulo. Seu surgimento e expansão estão historicamente associados à industrialização do Sudeste e à formação das grandes cidades brasileiras neste século, enquanto o candomblé, a partir do qual a umbanda constituiu-se em contato com o kardedismo, mantinha-se restrito aos seus territórios originais, sobretudo a Bahia e outros estados em que é conhecido por denominações locais: o xangô em Pernambuco e o batuque no Rio Grande do Sul, além da macumba no Rio de Janeiro, estreitamente ligada ao candomblé da Bahia.

Candomblé, xangô e batuque são variantes rituais da religião dos orixás no Brasil. A religião dos orixás, divindades da cultura iorubá ou nagô, consolidou-se em território brasileiro entre os meados do século passado e o início do

Trabalho apresentado no 49º Congresso Internacional de Americanistas, em Quito, de 7 a 11 de julho de 1997, no simpósio "Religião e migração". Participou Patrícia Ricardo de Souza, bolsista de iniciação científica. Financiamento CNPq.

** Professor Titular de Sociologia da Universidade de São Paulo.

século atual como expressão cultural de escravos, negros livres e seus descendentes. A umbanda também cultua os orixás, mas seu panteão foi muito ampliado com entidades que são espíritos desencarnados, os chamados caboclos, pretos velhos, boiadeiros, baianos, marinheiros e outros.

Nos anos 60, quando a umbanda já se consolidara em São Paulo, o candomblé trazido por migrantes nordestinos foi sendo introduzido na cidade e se instalando rapidamente em seu novo território. Muitas casas de candomblé importantes de Salvador abriram filiais em São Paulo; líderes religiosos de origem baiana anteriormente estabelecidos no Rio de Janeiro mudaram-se ou passaram a permanecer em São Paulo parte do tempo. Não tardou muito para que a umbanda perdesse sua hegemonia como a religião afro-brasileira da metrópole industrial. Assim como a umbanda, que já se formou como religião universal, o candomblé no Sudeste deixou de ter o caráter de religião exclusiva de uma população de afro-descendentes, religião étnica, para vir a ser uma religião aberta a todos, não importando a origem racial.¹

Além dos orixás, outras divindades foram trazidas da África pelos escravos. Os inquices dos povos bantos, praticamente esquecidos e substituídos pelos orixás nagôs nos candomblés bantos, e os voduns originários de povos euê-fom, da região do antigo Daomé, hoje república do Benim, designados jejes no Brasil. O culto aos voduns sobreviveu na Bahia e no Maranhão. Em Salvador e cidades do Recôncavo, a religião dos voduns é denominada candomblé jeje-mahim. No Maranhão recebeu o nome de tambor-de-mina. Na Bahia é pequeno o número de grupos de culto jeje em comparação com o número de casas de orixá. No Maranhão os voduns estão presentes em praticamente todas as casas de culto afro-brasileiro e os orixás ali cultuados nas casas de vodum são igualmente chamados de voduns, às vezes com a referência de que se trata de um vodum nagô e não jeje.

Os orixás tornaram-se bastante populares em São Paulo, como de resto em quase todo o Brasil, e sua popularidade pode ser medida por sua presença expressiva na cultura popular brasileira (incluindo literatura, teatro, cinema, telenovela, música popular, carnaval, culinária)², mas os voduns são praticamente desconhecidos nessa cidade, onde mesmo os adeptos de religiões afro-brasileiras pouco sabem desses deuses tão cultuados em São Luís.

¹ Reginaldo Prandi, *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*, São Paulo, Hucitec e Edusp, 1991; Reginaldo Prandi, "Raça e religião", in Prandi, *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*, (São Paulo, Hucitec, 1996).

² Reginaldo Prandi, "A expansão da religião negra na sociedade branca: música popular brasileira e legitimação do candomblé", trabalho apresentado no XX Congresso Internacional da LASA, em Guadalajara, México, 17 a 19 de abril de 1997.

Em 1977, um jovem líder da religião dos voduns, Francelino Vasconcelos Ferreira, ou Francelino Xapanã, como prefere ser chamado, trouxe para São Paulo o culto dos voduns tal como se constituiu em São Luís do Maranhão. Vinte anos depois, a religião dos voduns conta com a casa já bem consolidada de Pai Francelino, a Casa das Minas de Tóia Jarina, e com vários terreiros dela derivados. A religião dos voduns assim vai se espalhando por São Paulo e, de São Paulo, para paragens mais além.³

Voduns do Maranhão

Em São Luís e outras cidades do Maranhão, a religião dos voduns recebeu o nome de tambor-de-mina,⁴ alusão à presença constante dos tambores nos rituais e aos escravos minas, como eram ali designados os negros sudaneses. Trata-se de religião iniciática e sacrificial, em que os sacerdotes são ritualmente preparados para “receber” as divindades em transe. As entidades manifestadas, que podem ser voduns ou encantados (espíritos), vêm à terra para dançar em cerimônias públicas denominadas tambor. As entidades são assentadas (fixadas em artefatos sacros) e recebem sacrifício, com oferta de animais, comidas, bebidas e outros presentes. Segundo tradição africana que se manteve no Brasil, cada humano pertence a um vodum, sendo para ele ritualmente consagrado em cerimônias iniciáticas, como ocorre no candomblé dos orixás. O tambor-de-mina, assim como outras modalidades religiosas afro-brasileiras, apresenta forte sincretismo com o catolicismo e suas festas têm um calendário colado ao da Igreja Católica. No Maranhão, festas e folguedos populares de caráter profano, como o bumba-meuboi e o tambor-de-crioula estão muito associados ao tambor-de-mina.⁵

Dois dos antigos terreiros de São Luís, fundados por africanas em meados do século passado, sobreviveram até os dias de hoje e constituem a matriz cultural do tambor-de-mina: a Casa Grande das Minas e a Casa de Nagô.

A Casa das Minas, de cultura jeje, é um terreiro de culto exclusivo aos voduns, os deuses jejes, os quais, entretanto, hospedam alguns voduns nagôs, ou

³ A Casa das Minas de Tóia Jarina vem sendo estudada pessoalmente pelo autor desde 1986, tendo sido possível acompanhar grande parte de sua consolidação e crescimento.

⁴ Sobre o tambor-de-mina do Maranhão ver: Sérgio Figueiredo Ferretti, *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*, São Luís, Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1996; Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, *Mina, uma religião de origem africana*, São Luís, Sioge, 1985; Maria do Rosário Carvalho Santos e Manoel dos Santos Neto, *Boboromina: terreiros de São Luís. uma interpretação sócio-cultural*, São Luís, Sioge, 1989; Roger Bastide, “Geografia das religiões africanas no Brasil”, in *As religiões africanas no Brasil*, São Paulo, Pioneira, vol. 2, 1971; Octavio da Costa Eduardo, *The Negro in Northern Brazil*, Seattle, University of Washington Press, 1948; Manuel Nunes Pereira, *A Casa das Minas: culto dos voduns jeje no Maranhão*, Petrópolis, Vozes, 1979. Para a religião dos voduns na Bahia, também chamada candomblé jeje-mahim, não há literatura específica.

⁵ Sérgio Figueiredo Ferretti, *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*, São Paulo e São Luís, Edusp & Fapema, 1995.

orixás, não havendo culto a encantados ou caboclos. Seu panteão é bastante numeroso e bem organizado, sendo os voduns reunidos em famílias. Tendo alcançado enorme prestígio, a Casa das Minas encontra-se hoje em processo de extinção, pois há muitos anos não se faz iniciação de novas dançantes, ou *vodunsi*, nomes dados às devotas que recebem os voduns em transe. As dançantes remanescentes são hoje cerca de seis ou sete mulheres já idosas e mesmo elas não contam com iniciação completa.⁶ Nenhum outro terreiro se originou diretamente dessa casa, mas sua influência no tambor-de-mina é enorme, havendo estudos detalhados sobre seus deuses e ritos,⁷ merecendo suas sacerdotisas grande respeito na sociedade local.

A Casa de Nagô, de origem iorubá, cultua voduns, orixás e encantados ou caboclos, que são espíritos de reis, nobres, índios, turcos etc. Desta casa originaram-se muitos terreiros, proliferando-se por toda São Luís e outras localidades da região um modelo de tambor-de-mina bastante baseado nessa concepção religiosa de culto a voduns e encantados, encantados que em muitos terreiros têm o mesmo *status* de divindade dos voduns, com eles se misturando nos ritos em pé de igualdade.

Entre outras casas de mina de São Luís, igualmente antigas, destacam-se o Terreiro do Egito e o Terreiro de Manuel Teu Santo, os quais deram origem a cerca de vinte terreiros, multiplicados em muitos outros.⁸ Do Terreiro do Egito originou-se o Terreiro de Iemanjá, que tem papel destacado na história do tambor-de-mina em São Paulo, pois seu fundador, Pai Jorge Itacy, é o pai-de-santo de Francelino Xapanã, pelas mãos de quem os voduns do Maranhão vieram para São Paulo.

O panteão da Casa das Minas

Embora a Casa das Minas não tenha originado outras casas de culto, sua estrutura e panteão tem sido um modelo para outras casas.

Os voduns, deuses do povo euê-fom, são forças da natureza e antepassados humanos divinizados. Os voduns cultuados na Casa das Minas estão agrupados nas famílias de Davice, Dambirá, Savaluno e Queviosô.⁹

⁶ Em carta para mim, disse Sérgio Ferretti: "Há mais de 80 anos (1913 ou 1914) não se faz iniciação de *vodunsi-gonjá*. Entre as *vodunsi* atuais, embora em número reduzido, há pessoas que começaram a dançar na Casa desde inícios da década de 1930 até 1950. Todas elas têm um nome africano privado que lhes foi dado por uma *tobóssi*. Foram portanto iniciadas como *vodunsi-he*."

⁷ Ferretti, *Querebentá de Zomadônu*; Ferretti, *Repensando o sincretismo*.

⁸ Santos e Santos Neto, *Boboromina*; Ferretti, *Mina, uma religião de origem africana*.

⁹ Ferretti, *Querebentá de Zomadônu*; idem, "Voduns da Casa das Minas", in Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), *Meu sinal está no teu corpo*, (São Paulo, Edicon e Edusp, 1989); idem, *Repensando o sincretismo*.

Alguns voduns jovens chamados *toqüéns* ou *toqüenos* cumprem a função de guias, mensageiros, ajudantes dos outros voduns. São eles que “vêm” na frente e chamam os outros. Têm cerca de quinze anos de idade, podendo ser masculinos ou femininos, pertencendo a maioria à família de Davice. Nos clãs de Quevioçô e Dambirá são os voduns mais jovens que desempenham esse papel.

Além dos voduns, fazem parte do panteão da Casa das Minas as *tobóssis*, divindades infantis femininas, consideradas filhas dos voduns, recebidas pelas dançantes com iniciação plena, as chamadas *vodúnsi-gonjaí*. As princesas meninas não vêm mais na Casa das Minas. Com a morte das últimas *vodúnsi-gonjaí*, parte do processo de iniciação se perdeu, de modo que as dançantes remanescentes não tiveram iniciação no grau de *gonjaí*, de senioridade. E as *tobóssis* não vieram mais na Casa das Minas. Diferentemente dos voduns, que podem manifestar-se em diferentes adeptos, a *tobóssi*, na Casa das Minas, é considerada entidade única, exclusiva de sua *vodúnsi-gonjaí*, e que desaparece com a morte da dançante que a recebia, não se incorporando depois em mais ninguém.

Os voduns e suas famílias

Conforme estudos exaustivos de Sérgio Ferretti¹⁰, assim se configura o panteão dos voduns na Casa das Minas, família por família:

Família de Davice. Reúne os voduns da família real do Abomey, no antigo Daomé, atual Benim, e é composta dos seguintes voduns:

Nochê Naê, Mãe Naê - a vodum mais velha e ancestral mítica do clã.

Zomadônu - o dono da Casa das Minas e chefe de uma das linhagens da família de Davice. Rei e pai dos toqüéns Toçá e Tocé (gêmeos), Jagoboroçu (Boçu) e Apoji. Zomadônu é filho de Acoicinacaba.

Acoicinacaba (Coicinacaba) - pai de Zomadônu e filho de Dadarrô.

Dadarrô - chefe da primeira linhagem da família; vodum mais velho da família de Davice. Casado com Naedona e irmão de Acoicinacaba, portanto, tio de Zomadônu. É pai de Sepazim, Doçu, Bedigá, Nanim e Apojevó. Representa o governo e é protetor dos homens de dinheiro.

Naedona (Naiadona ou Naegongom) - esposa de Dadarrô e mãe de Sepazim, Doçu, Bedigá, Nanim e Apojevó.

Arronoviçavá - irmão de Naedona, é cambinda (mas considerado jeje por outras casas).

Sepazim - princesa casada com Daco-Donu, com quem teve um filho chamado Tói Daco, que é toqüém.

Daco-Donu - marido de Sepazim, pai de Daco.

¹⁰ Ferretti, obras citadas, na nota 4.

Daco - filho de Sepazim e Daco-Donu. Toqüém.

Doçu (Doçu-Agajá, Maçon, Huntó ou Bogueçá) - jovem cavaleiro, boêmio, poeta, compositor e tocador. Pai dos três toqüéns Doçupé, Noché Decé e Noché Acuevi.

Doçupé - filho de Doçu. Toqüém.

Noché Decé - filha de Doçu. Toqüém.

Noché Acuevi - filha de Doçu. Toqüém.

Bedigá - também cavaleiro como o irmão Doçu. Aceitou a coroa do pai Dadarrô que Doçu tinha recusado. Protetor dos governantes, advogados e juízes.

Apojevó - filho mais novo de Dadarrô. Toqüém.

Noché Nanim (Ananim) - filha adotiva de Dadarrô, criou Daco (neto de Dadarrô) e Apojevó (seu irmão mais novo).

Família de Savaluno. É uma família de voduns amigos da família de Davice. Não são jeje e são hóspedes na Casa das Minas.

Topa - um vodum solitário, o qual tem mais dois irmãos, Agongono e Zacá.

Zacá (Azacá) - vodum caçador.

Agongono - vodum que se relaciona com os astros; amigo de Zomadônu e pai de Jotim.

Jotim - filho de Agongono. Toqüém.

Família de Dambirá. Reúne os voduns da terra, ligados às doenças e às curas.

Acóssi Sapatá (Acóssi, Acossapatá ou Odan) - curador e cientista, conhece o remédio para todas as doenças. Ficou doente também por tratar os enfermos. Pai de Lepom, Poliboji, Borutoi, Bogono, Alogué, Boça, Boçucó e dos gêmeos Roeju e Aboju.

Azile - irmão de Acóssi. Também é doente.

Azonece (Azoneço, Agonço ou Dambirá-Agonço) - irmão de Acóssi e Azile, o único que não é doente. É velho e é nagô. Pai de Euá.

Euá - filha de Azonece, também é nagô.

Lepom - filho mais velho de Acóssi. Vodum velho.

Poliboji - também vodum velho.

Borutoi (Borotoe ou Abatotoe) - vodum velho. Usa bengala.

Bogono (Bogon ou Bagolo) - diz-se que se transforma em sapo.

Alogué - diz-se que é aleijado.

Boça (Boçalabê) - mocinha alegre, está sempre com o irmão Boçucó. Toqüém.

Boçucó - outro dos irmãos mais novos. Toqüém.

Roeju e Aboju - irmãos gêmeos. Ambos toqüéns.

Família de Quevioçô. É família de voduns considerados nagôs, embora não sejam orixás (entre eles, apenas Nanã é cultuada nos candomblés de orixá, tendo sido incorporada ao panteão iorubá desde a África, assim como seus filhos Omulu e Oxumarê). Quase todos são mudos para evitar que revelem os segredos dos nagôs ao pessoal da Casa das Minas, onde são hóspedes de Zomadônu.

Nanã (Nanã Biocã, Nanã Burucu, Nanã Borocô ou Nanã Borotoi) - diz-se que é de Davice mas auxilia Quevioçô. É a nagô mais velha, a que trouxe os outros.

Naité (Anaité ou Deguesina) - mulher velha que representa a lua.

Vó Missã é a velha que resolve tudo entre os nagôs.

Nochê Sobô (Sobô Babadi) - considerada mãe de todos os voduns de Quevioçô (Badé, Lissá, Loco, Ajanutoi, Averequete e Abé). Representa o raio e o trovão.

Badé (Nenem Quevioçô) - representa o corisco. Equivale a Xangô entre os nagôs. É mudo e se comunica por sinais.

Lissá - vodum dos astros. Representa o sol. É vadio e anda muito. Também é mudo.

Loco - representa o vento e a tempestade. Também é mudo.

Ajanutoi - é surdo-mudo e não gosta de crianças.

Abé - vodum dos astros, como Loco. Representa o cometa, uma estrela caída nas águas do mar. Vodum jovem e mulher. Uma dos poucos do clã que falam. É toquém. Corresponde ao orixá Iemanjá dos nagôs.

Averequete (Verequete) - Também fala e é toquém.

Há dois voduns amigos da família de Quevioçô que tomam conta dos filhos de Dambirá. São eles:

Ajautó de Aladá (Aladanu) - amigo da casa. Pai de Avrejó. É velho e usa bengala. Ajuda Acóssi, que é doente. Mora com o povo de Quevioçô.

É rei nagô, protetor dos advogados.

Avrejó - Filho de Ajautó. Toquém.

Não se pode esquecer de Avievodum, Deus Supremo, a quem os voduns estão subordinados. Como Olodumare ou Olorum, Deus Supremo dos iorubás, Avievodum está distante e inalcançável, sendo pouco lembrado pelos devotos e não merecendo culto específico.

Legba ou Legbara, figura comum nas religiões afro-brasileiras, conhecido em outras “nações” pelo nome de Exu, é a divindade que assume a função de *trickster* ou trapaceiro. Não tem culto organizado na Casa das Minas, onde é identificado com Satanás, o Mal. Não é aceito como mensageiro, mesmo porque quem realiza essa função são os toquéns. Apesar de não ter culto organiza-

do, verificam-se uns poucos gestos rituais ligados a Legba, como por exemplo, certos cânticos pedindo para que Legba se afaste, que são cantados ao início de todo tambor. Ocupa, entretanto, lugar importante em outros terreiros influentes de São Luís.

Há outros voduns do tambor-de-mina que não aparecem nesta classificação por não serem referidos na Casa das Minas, mas que são cultuados em outros terreiros, como Boço Jara, presente na Casa de Nagô.

Encantaria

O culto dos encantados é parte muito importante do tambor-de-mina, estando ausente apenas da Casa das Minas. Como os voduns, os caboclos ou encantados estão reunidos em famílias, algumas delas características de certas casas, como o centenário Terreiro da Turquia, onde caboclos turcos ou mouros são as entidades mais importantes do culto. O nome caboclo, usado genericamente para se referir a um encantado, não significa tratar-se de entidade indígena.¹¹

Enquanto as danças para os voduns são realizadas ao som de cânticos (doutrinas) em língua ritual de origem africana, hoje intraduzível, os encantados dançam ao som de música cantada em português.

Entre as muitas famílias de encantados destacam-se as seguintes, com os seus encantados principais, embora possa haver variação de um terreiro a outro.¹²

Família do Lençol. O nome é uma referência à Praia do Lençol, onde se acredita teria vindo parar o navio do Rei Dom Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcaçevibir. É uma família de reis e fidalgos, denominados encantados gentis. Dona Jarina é a princesa encantada do Lençol que dá nome ao terreiro de mina de São Paulo, a Casa das Minas de Tóia Jarina. Seus principais componentes são: a) os reis e rainhas: Dom Sebastião, Dom Luís, Dom Manoel, Dom José Floriano, Dom João Rei das Minas, Dom João Soeira, Dom Henrique, Dom Carlos, Rainha Bárbara Soeira; b) os príncipes e princesas: Príncipe Orias, João Príncipe de Oliveira, José Príncipe de Oliveira, Príncipe Alterado, Príncipe Gelim, Tói Zezinho de Maramadã, Boço Lauro das Mercês, Tóia Jarina, Princesa Flora, Princesa Luzia, Princesa Rosinha, Menina do Caidô, Moça Fina de Otá, Princesa Oruana, Princesa Clara, Dona Maria Antônia,

¹¹ Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, *Desceu na guma: o caboclo no tambor-de-mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís - a Casa de Fanti-Ashanti*, São Luís, Sioge, 1993; idem, *Terra de caboclo*, São Luís, Secretaria de Cultura do Maranhão, 1994.

¹² A classificação dos encantados foi feita de acordo com pesquisa de campo na Casa das Minas de Tóia Jarina, complementada com algumas informações dadas em Ferretti, *Desceu na guma*. Há casos em que a classificação da Casa de Tóia Jarina pode não coincidir com a de fontes maranhenses de Mundicarmo Ferretti.

Princesa Linda do Mar; c) os nobres: Marquês de Pombal, Ricardinho Rei do Mar, Barão de Guaré. As cores da família são azul e branco para os encantados femininos e vermelho para os encantados masculinos.

Família da Turquia. Chefiada pelo Pai Turquia, rei mouro que teria lutado contra os cristãos. Vindos de terras distantes, chegaram através do mar e têm origem nobre. Seus principais componentes são: Mãe Douro, Mariana, Guerreiro de Alexandria, Menino de Léria, Sereno, Japetequara, Tabajara, Itacolomi, Tapindaré, Jaguarema, Herundina, Balanço, Ubirajara, Maresia, Mariano, Guapindaia, Mensageiro de Roma, João da Cruz, João de Leme, Menino do Morro, Juracema, Candeias, Sentinela, Caboclo da Ilha, Flecheiro, Ubiratã, Caboclinho, Aquilital, Cigano, Rosário, Princesa Floripes, Jururêma, Caboclo do Tumé, Camarão, Guapindaí-Açu, Júpiter, Morro de Areia, Ribamar, Rochedo, Rosarinho. São encantados guerreiros e sua cantigas falam de guerra e batalhas no mar. Dizem que nasceram das ondas do mar. Uma doutrina de Mariana, a cabocla turca que comanda a Casa das Minas de Tóia Jarina, em São Paulo, diz: “Sou a cabocla Mariana/ Moro nas ondas do mar/ He! faixa encarnada/ Faixa encarnada eu ganhei pra guerrear.” Alguns dos encantados turcos têm nomes que lembram postos de guerra ou de marinheiro, outros, nomes indígenas. Algumas dessas entidades, como na Família do Lençol, estão ligadas às narrativas míticas das Cruzadas e das guerras de Carlos Magno, muito presentes na cultura popular maranhense. São suas cores: verde, amarelo e vermelho.

Família da Bandeira. Família de guerreiros, caçadores e pescadores chefiada por João da Mata Rei da Bandeira, tendo como componentes Caboclo Ita, Tombacé, Serraria, Princesa Iracema, Princesa Linda, Petioé, Senhora Dantã, Dandarino, Caboclo do Munir, Espadinha, Araúna, Pirinã, Esperancinha, Caboclo Maroto, Caçará, Indaê, Araçaji, Olho d’Água, Espadinha, Jandaína, Abitaquara, Jondiá, Longuinho, Rica Prenda, Princesa Luzia, Princesa Linda, Tucuruçá, Beija-Flor, Jatiçara, Pindorama. São encantados nobres e mestiços. Suas cores: verde, branco, amarelo e vermelho.

Família da Gama. São encantados nobres e orgulhosos. Seu símbolo é uma balança. São os caboclos: Dom Miguel da Gama, Rainha Anadiê, Baliza da Gama, Boço Sanatiel, Boço da Escama Dourada, Boço do Capim Limão, Gabriel da Gama, Rafael da Gama, Dona Idina, Dona Olga da Gama, Dona Tatiana, Dona Anástácia. Cores: vermelho e branco.

Família de Codó ou da Mata de Codó. Município do interior do Maranhão, Codó é um importante centro de encantaria do tambor-de-mina. Seus caboclos, em geral negros, têm como líder Léguas-Boji. Segundo Mundicarmo Ferretti, “são entidades caboclas menos civilizadas e menos nobres, que vivem, geralmente, em lugares afastados das grandes cidades e pouco conhecidos e que costumam vir

beirando o mar ou igarapés.”¹³ São eles: Zé Raimundo Boji Buá Sucena Trindade, Joana Gunça, Maria de Légua, Oscar de Légua, Teresa de Légua, Francisquinho da Cruz Vermelha, Zé de Légua, Dorinha Boji Buá, Antônio de Légua, Aderaldo Boji Buá, Expedito de Légua, Lourenço de Légua, Aleixo Boji Buá, Zeferina de Légua, Pequeninho, Manezinho Buá, Zulmira de Légua, Mearim, Folha Seca, Maria Rosa, Caboclinho, João de Légua, Joaquinzinho de Légua, Dona Maria José, Coli Maneiro, Martinho, Miguelzinho Buá, Ademar. Cores: mariscado de Nanã, marrom, verde e vermelho.

Família da Baía. São os caboclos baianos também popularizados através da umbanda, mas o tambor-de-mina não os reconhece como originários do Estado da Bahia, mas de uma baía no sentido de acidente geográfico ou de um lugar desconhecido existente no mundo invisível. São eles: Xica Baiana, Baiano Grande Constantino Chapéu de Couro, Mané Baiano, Rita de Cássia, Corisco, Maria do Balaio, Zeferino, Silvino, Baianinho, Zé Moreno. Brincalhões e muito falantes, os baianos mostram-se sensuais e sedutores, às vezes inconvenientes. Cores: verde, amarelo, vermelho e marrom.

Família de Surrupira. Família de caboclos selvagens, como índios. Feiticeiros e “quebradores de demanda”: Vó Surrupira, Índio Velho, Surrupirinha do Gangá, Trucoeira, Mata Zombana, Tucumã, Tananga, Caboclo Nagorigonga, Zimbaruê.

Outras famílias de encantados: Família do Juncal, de origem austríaca; Família dos Botos; Família dos Marinheiros, cujo emblema é uma âncora e um tubarão; Família das caravelas, que são peixes do oceano e não devem ser confundidos com a embarcação; Família da Mata, à qual pertencem muitos caboclos cultuados também na umbanda, como Caboclo Pena Branca, Cabocla Jacira, Cabocla Jussara, Caboclo Zuri e Caboclo Guaraciara.

Casa das Minas de Tóia Jarina

Em 1964, Francelino, um jovem paraense de 14 anos, nascido na Ilha de Marajó, foi iniciado para vodum no tambor-de-mina na cidade de Belém, capital do Pará, por Mãe Joana de Xapanã, originária do tambor-de-mina de São Luís. Pai Francelino tem como seu vodum de cabeça o mesmo de sua mãe, Xapanã, divindade ligada às doenças e sua cura. Seu segundo vodum é Sobô, divindade do raio. A encantada Dona Jarina é o guia que mais tarde será a dona de sua casa em São Paulo, casa governada pela cabocla turca Dona Mariana, que presidirá a maior parte dos ritos no terreiro paulista. Mãe Joana celebrou as obrigações de Francelino até a do sétimo ano.

¹³ Ferretti, *Desceu na guma*, p. 112.

Com a morte de Dona Joana, Francelino foi adotado por Pai Jorge Itacy, do Terreiro de Iemanjá, de São Luís do Maranhão. Pai Jorge foi iniciado em 1956 no Terreiro do Egito e sua casa tem grande prestígio. Com Pai Jorge, em 1978 e 1985, Francelino deu as obrigações de 14 e 21 anos.

Em 1973, Francelino saiu de Belém e mudou-se para o Rio de Janeiro, transferido a pedido pela SUDAM para o escritório do Rio. Entre 1978 e 1980 residiu em Curitiba, Paraná, onde iniciou uma casa-de-santo, mas foi em São Paulo que acabou se fixando. Em São Paulo, em 1977, estabeleceu-se como Tói Vodunnon, isto é, pai-de-vodum ou pai-de-santo em língua ritual jeje, mas continuou a residir em Curitiba até 1980, quando se mudou definitivamente. Seu terreiro recebeu o nome de Casa das Minas de Tóia Jarina, em homenagem ao seu primeiro guia espiritual, Tóia Jarina, ou Mãe Jarina, a jovem princesa encantada da Família do Lençol, que Francelino recebeu quando tinha 12 anos de idade. Assim os deuses africanos do Daomé aclimatados em São Luís do Maranhão, partindo de Belém do Pará, vieram a se estabelecer em São Paulo.

O terreiro de Dona Jarina, que se define como casa de culto mina-jeje, mina-nagô e encantaria, esteve em vários endereços (bairros de Casa Palma, Vila Campestre, Jardim Luso) até instalar-se no Jardim Rubilene em 1983, onde permaneceu por dez anos. Em 1993 mudou-se para a Rua Itália, 462, no bairro Jardim das Nações, município de Diadema, com instalações especialmente construídas para o terreiro, onde se encontra até o presente.

A exemplo dos candomblés, as instalações físicas do terreiro lembram um *compound* africano, com um barracão central para as danças, pequenas casas reservadas para as diferentes famílias de divindades (onde os assentamentos das divindades são mantidos fora do alcance da curiosidade dos não-iniciados), uma pequena capela com altar católico e uma construção com cozinha, sala de estar e quartos para dormir e vestir, além das dependências em que os iniciados ficam recolhidos durante suas obrigações, a clausura. Há também o quarto de Legba, o quarto reservado ao culto dos antepassados da casa e um pequeno jardim em que se cultivam plantas sagradas.

Em São Paulo, Francelino iniciou seus filhos, ensinou aos tocadores de tambor os ritmos da mina, construiu uma grande rede de clientes, estabelecendo contato com lideranças da umbanda e de várias nações de candomblé. É presidente, em segundo mandato, da Coordenação Paulista do Intecab (Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira), instituição que reúne as nações de candomblé e umbanda, milita em federações de umbanda e está presente em rádios e publicações religiosas. Com o tempo tornou-se personalidade conhecida e respeitada entre o povo-de-santo paulista.

Os voduns e suas festas

Os voduns hoje assentados na casa,¹⁴ isto é, os voduns cultuados como principais ou *adjuntós* dos membros iniciados são: Xapanã, Naveorualim, Navezuarina, Abê, Naê, Acóssi, Lepom, Polibogi, Azile, Azacá, Doçu, Doçupé, Sobô, Badé, Averequete, Vonderegi, Xadantã, Agüê, Lissá, Euá, Boçalabê, Boço Jara, Nanã, Alogué, Dangbê, além dos orixás Ogum, Odé, Xangô, Oxum e Oiá-Iansã. O culto a Legbara está presente, sendo sempre propiciado nas grandes obrigações.

Considerando o pouco tempo que marca a presença dos voduns em São Paulo, os simples nomes deles já sugerem um enorme mistério a decifrar. Mesmo sendo tão pouco conhecidos na cidade, a relação que cada um guarda com os orixás do candomblé e da umbanda ajuda muito, creio, na sua assimilação pelos devotos que se aproximam do tambor-de-mina. Na maioria dos casos estabelece-se alguma correspondência entre voduns e orixás. Na tradição da mina, que é mantida na maioria das situações rituais na casa de Paj Francelino, os voduns não usam roupa específica e, quando incorporam, apenas amarram uma toalha em torno da cintura, se vodum feminino, ou em torno do tronco, se vodum masculino, mas não é incomum ver o vodum, em dia de sua grande festa, dançar paramentado com roupas e adereços inspirados nos usados por orixás do candomblé.

A correspondência entre vodum e orixá, já trazida do Maranhão, mostra-se também na relação sincrética com os santos católicos. Assim, por exemplo, há correspondência entre o vodum Sobô e o orixá Oiá-Iansã, ambas sincretizadas com Santa Bárbara. O mesmo se dá entre Boço Jara, Logun-Edé e Santo Expedito; entre Abê, Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição. Assim como entre Lissá, Oxalá e Jesus Cristo; Dangbê, Oxumarê e São Bartolomeu etc. (Ver Quadro 1, no final deste artigo).

Contando-se os voduns que foram assentados no terreiro de Dona Jarina, isto é, os voduns principais e *adjuntós* de cada filho iniciado na casa, além dos voduns do próprio chefe da casa, pode-se chegar aos dados mostrados no Quadro 2. Assim, os voduns assentados com maior frequência correspondem aos orixás do candomblé que também têm mais filhos, que são mais populares, pode-se dizer. Orixás mais raros, correspondem a voduns com menor número de iniciados. De modo geral, o conjunto do panteão de voduns com filhos feitos adere em número à distribuição dos orixás que se pode usualmente encontrar num terreiro de candomblé de qualquer parte do País. Isso certamente ajuda na assimilação desse novo panteão de deuses africanos numa cidade que recém completou seu conhecimento do panteão dos orixás.

¹⁴ Pesquisa atualizada em 21 de junho de 1997.

As atividades religiosas seguem um extenso calendário, com obrigações e tambores a cada mês do ano, em datas correspondentes às festas católicas, conforme a seguinte programação:

Calendário da Casa das Minas de Tóia Jarina

1. Festas fixas

janeiro

dia 6 (Santos Reis)	Doçu, Bedigá e Zomadônu
dias 19, 20, 21	Azonci, Lego Babicachu Xapaná
dia 20 (São Sebastião)	Xapaná e Azacá - Banquete dos Cachorros e Mesa dos Inocentes
dia 21 (Santa Inês)	Oruana

fevereiro

dia 2 (N.S. das Candeias)	Presente de Abê
dia 8	Família da Bandeira
dia 11 (São Lázaro)	Acóssi e Acóssi Sapatá

março

dia 19 (São José)	Xadantá, Zezinho de Maramadá e Loco
-------------------	-------------------------------------

abril

dia 21	Jotim e Jotam
dia 22	Dona Jarina (a dona da casa)
dia 23 (São Jorge)	Ogum

maio

dia 24 (Santa Rita)	Naná Biocô
---------------------	------------

junho

dias 12, 13, 14	Cabocla Mariana e Família da Turquia
dia 13 (Santo Antônio)	Caboclo Ita e Agongone
dia 24 (São João)	Bancada das Tobóssis e tambor dos Nobres (Reis, Rainhas, Nobres)
dias 28, 29, 30 (São Pedro)	Badê

julho

16 (N. S. do Carmo)	Euá e Naveorualim
dia 26 (Santana)	Vó Missá e Naná Bulucu

agosto

2º domingo	Averequete
dia 15 (Assunção de N. Senhora)	Navezuarina e Naveorualim
dia 16	Lepom
dia 23	Caboclo Rompe Mato e Família da Mata
dia 24 (São Bartolomeu)	Dangbê
dia 25 (São Luís de França)	Dadarrô
dia 30 (Santa Rosa)	Naná Bassarodim e Rainha Rosa (Codó)
dia 31 (São Raimundo Nonato)	Zé Raimundo Bogi Buá Sucena Trindade, Família de Codó e Rei de Nagô

setembro

dia 16	Polibogi
dia 27 (S. Cosme e S. Damião)	Família da Baía
dia 29 (São Miguel)	Badê Zorogama
dia 30 (São Jerônimo)	Dom Miguel Rei de Gama e Família de Gama

outubro

2º domingo

dia 15 (Santa Teresa)

dia 28

Rainha Dina (Codó)

Boçalabê

Boço Jara, Caboclos Tabajara e Balanço

novembro

dia 1 par 2 (Finados)

dia 15 (N. S. dos Remédios)

dia 28

Obrigação de Babá Egum

Agué e Família Caboclo Roxo

Naê e Naedona

dezembro

dia 4 (Santa Bárbara)

dia 8 (N. S. Conceição)

dia 13 (Santa Luzia)

Sobó, Dona Servana e demais Nochês (voduns femininos)

Abê, Naitê e Iemanjá

Navezuarina e Família de Marinheiros

2. Festas móveis

4ª feira de Cinzas

Arrambá (Bancada das Tobóssis) e encerramento anual das celebrações dos voduns

6ª feira 15 dias antes da Sexta-Feira Santa

Obrigação da Cana Verde. Ritual da plantação. Cobertura dos assentamentos dos voduns e encantados e das imagens católicas. Interrupção de todas as atividades religiosas da casa.

Sexta-Feira Santa

12:00 horas

Obrigação para Lissá

noite

Renovação: os assentamentos são descobertos; ossé (limpeza) geral da casa, troca das águas das quartinhas.

Sábado de Aleluia

primeiras horas

Abieié, Cerimônia do Renascimento. Sacrifícios para todos os voduns e encantados assentados na casa (um casal de aves brancas para cada vodum; dois machos ou duas fêmeas brancas para cada encantado, de acordo com o sexo).

12:00 horas

Bolo da Felicidade. Cerimônia da punição em que cada membro recebe palmadas.

20:00 horas

Tambor de Abertura da Casa. Início do ano litúrgico. (Roupa branca).

Domingo de Páscoa

20:00 horas

Segundo dia da Abertura e Tambor de Pagamento, quando os alabês e outros dignatários recebem presentes dos voduns e encantados. (Roupa verde).

Segunda-feira após a Páscoa

Tambor de abertura do terreiro com os encantados. (Roupa estampada)

Cada comemoração divide-se em obrigação, ou ritos sacrificiais reservados aos iniciados, e em festa pública, que se realiza no barracão, com presença de amigos, clientes e simpatizantes, com a dança dos voduns e encantados manifestados no transe.

O tambor, como é chamado o rito público, a dança, desenrola-se por muitas e muitas horas, às vezes numa seqüência de um, três, ou sete dias. As dançantes apresentam-se com seus trajes alvíssimos de bordado Richelieu ou de belos tecidos estampados nas cores dos santos, com seus pesados colares de contas, os rosários da mina. Com a chegada da entidade, uma toalha é enrolada na cintura ou no tronco e isto é o indício de que uma nova personalidade tomou conta daquela cabeça. O encantado dança, canta suas doutrinas (cantigas), cumprimenta os presentes, conversa com os amigos, bebe da bebida de sua predileção e volta a dançar sempre, enquanto os tocadores se revezam nos batás, gã e xequerês.

No final do tambor, todos comem a comida preparada com as carnes dos sacrifícios. Cansados, os filhos-de-santo voltam para casa para descansar poucas horas para enfrentar um novo dia de trabalho. Mas podem voltar na noite seguinte ao terreiro para a continuação do tambor, pois são muitos os voduns e em maior número ainda os encantados, e todos precisam dançar e dançar para assim conviver com os mortais, seus filhos.

Os iniciados

Na Casa de Dona Jarina os filhos são iniciados para seu vodum principal e para o vodum *adjuntó*, isto é, para um segundo vodum. Como no candomblé, os voduns de um iniciado formam um par correspondente à idéia de pai e mãe, sendo, assim, um deles masculino e o outro feminino. A iniciação compreende uma celebração preliminar à cabeça, denominada *aperê*, como o *bori* do candomblé, com posterior recolhimento em clausura por alguns dias, raspagem da cabeça e sacrifício de animais ao vodum, além de outras oferendas. O ciclo é completado com a festa de saída do novo *vodúnsi* (iniciado para o vodum, filho-de-santo), quando o novo dançante e seu vodum são apresentados à comunidade durante um tambor. Com sete anos o *vodúnsi* recebe sua *tobóssi*, sua princesa menina, quando sua iniciação se completa e ele ganha a dignidade de senioridade iniciática, sendo chamado de *vodúnsi-gonjaí*.

Antes mesmo da iniciação para o vodum, os filhos podem começar a receber os encantados. Em geral, um filho-de-santo de Pai Francelino com o grau de *vodúnsi-gonjaí* recebe dois voduns, a *tobóssi* e alguns encantados, cujo número cresce com os anos de iniciação.

Até o presente foram iniciados 56 filhos de voduns, dos quais 12 ocupam cargos relacionados à organização do culto, como os tocadores de tambor, os quais não recebem as entidades através do transe. Os demais são dançantes, isto é, devotos que entram em transe de vodum e encantado. Destes, 13 já

atingiram o grau de senioridade, estando aptos, portanto, a receber as meninas princesas, as tobóssis jejes. O nome dos iniciados, seus voduns e encantados estão dados nos Quadros 3, 4 e 5. Além dos filhos iniciados (feitos) por Pai Francelino, fazem parte da casa, evidentemente, os que estão pleiteando sua iniciação, tendo já, em geral, passado pela cerimônia do *aperê* de sacrifício à cabeça, e também aqueles iniciados em nações de candomblé e que na Casa de Tóia Jarina receberam obrigações de 14 e 21 anos, por exemplo. Os aspirantes e os que apenas têm obrigação de adoção não foram incluídos nos quadros.

Entre os seguidores dos voduns em São Paulo, parte veio da umbanda e houve casos de chefes de terreiros que foram iniciados na mina e que passaram pouco a pouco a tocar a religião dos voduns, de modo que, hoje, os voduns estão presentes em várias casas paulistas e de outros estados, ligadas à Casa das Minas de Tóia Jarina por iniciação de seu pai ou mãe-de-santo. Mas a maioria veio do catolicismo. Na composição demográfica do terreiro é grande a presença de migrantes nordestinos ou seus filhos, com a participação de negros, mulatos e brancos, de extração social bastante modesta. Como nas outras modalidades afro-brasileiras da metrópole, não há o corte da cor, a religião negra não se prende mais à origem racial dos adeptos. Alguns dos iniciados vivem em outros estados, onde são chefes de terreiros, vindo a São Paulo por ocasião de suas obrigações e das festas mais importantes. É grande o trânsito de pessoas de uma cidade para outra, através de grandes distâncias. O próprio pai-de-santo viaja constantemente a São Luís para as festas, na casa de seu pai e também para outras partes do Brasil para dar obrigações a filhos e atender clientes.

O grupo de culto organizado em torno de Pai Francelino é mais que uma família-de-santo. O parentesco entre muitos membros da casa é também o de família de sangue e as relações familiares, que envolvem também compadrio e namoro, agregam a comunidade do terreiro numa ampla teia de deveres e reciprocidades não religiosos que estreitam e multiplicam os laços de solidariedade impressos no parentesco religioso e na hierarquia do culto. Vejamos:

Enedina é casada com Pedro.¹⁵ São os pais de Sandra, a mãe-pequena, que aos quatro anos recebeu a encantada Princesa Flora, e de Edison, consagrado para tocar tambor, assim como Carlos, marido de Sandra, e pais da equede Sônia, cuja filhinha Graziela já foi escolhida para ser equede como a

¹⁵ Os filhos-de-santo aqui citados e que estão arrolados nos Quadros 3 (dançantes) e no Quadro 5 (não-dançantes) são todos iniciados. Sobre eles não faço observação no texto a respeito de sua iniciação. Os demais, a respeito dos quais sempre incluo alguma observação sobre sua posição no terreiro, pertencem a duas categorias: ou são suspensos; isto é, escolhidos ou apontados pelas entidades para ocuparem um posto de não-rodante (devoto que não entra em transe), tendo passado pelo ritual do *aperê* ou *hori* (cerimônia de comida à cabeça), já sendo assim considerados filhos de Pai Francelino; ou são rodantes (entram em transe) e assim serão iniciados como dançantes, sendo em geral já "borizados" (com *hori* feito).

mãe. Sandra e Carlos têm dois filhos: Karla, de cinco anos, e Victor, de quatro anos, que passa a maior parte do tempo com o “avô” Francelino. Ambos já passaram pelo rito do *aperê*. Oraci é irmã de Pedro. Enedina, Pedro e Édison mudaram-se recentemente para Curitiba, onde abriram casa-de-santo. Vêm ao terreiro para as festas, onde a família volta a se reunir, onde brincam os netos.

Márcio, o pai-pequeno, é irmão de Marcos, casado com Suely. Tiveram os filhos Ilanajara e Danilo, que será tocador e já brinca nos tambores.

Jandira é casada com Dinho. A filha Cristiane é equeude suspensa, Alex toca e aguarda confirmação e o pequeno Fábio dança e toca e será feito dançante. Reinaldo é irmão de Jandira, como Nelson, que é alabê suspenso.

Leonardo é casado com Elizabete e seu filho Leonardo será iniciado tocador. O irmão de Leonardo, Vicente, é casado com Vera, que já fez o *aperê* e recebe encantado. Eles são os pais de Tábata e Talita, já presentes na roda-de-santo. Faz parte da família Alex, um sobrinho que também já dança com encantado, e seu irmão Fábio e outra irmã, ambos aspirantes. A aspirante Iracema é irmã de Leonardo e Vicente e suas filhas devem ser também iniciadas: Tatiane, rodante, e Daniele, equeude. Leonardo dirige o terreiro de sua família.

Neide, que já passou pelo rito de comida à cabeça, é mãe de Aratan, já confirmado *agbagigã*, e de Bira, alabê apontado e que toca há muito. Aratan está noivo de Daniele, a filha de Iracema e sobrinha de Leonardo e Vicente.

Maria da Glória é mãe de Kátia, casada com Sérgio. Antônio Aranzio é cunhado de José Divino e tem outros parentes que já fizeram o *aperê*.

As famílias interligam-se, os laços de parentesco multiplicam-se, o terreiro é o lugar da religião e do encontro, é o lugar do lazer e a praça onde todos se apresentam.

Na vida cotidiana de cada iniciado, tudo gira em torno do terreiro e seu calendário exaustivo: como fazer os preparativos da obrigação, como deixar em ordem as inúmeras roupas rituais, quando encontrar um tempo livre para qualquer outra coisa? Muitos dos filhos moram longe do terreiro, alguns em outras cidades, a cidade é grande, é grande o esforço de cada um. São pobres, às vezes de classe média baixa e as obrigações são financeiramente onerosas, de modo que uma obrigação de iniciação muito desejada pode ter que esperar por anos.

Os filhos sempre parecem cansados, pois as festas públicas são precedidas por obrigações sacrificiais que freqüentemente viram a noite, mas também sempre parecem contentes. E quando os tambores tocam e as entidades chegam, eles são capazes de dançar por muitas horas sem descanso.

As crianças, muitas, estão sempre presentes no tambor. Entram na roda, tocam tambor, correm de lá para cá, conversam com os encantados. E têm sua

predileções entre os caboclos e voduns. Victor, o garotinho enrabichado por Dona Mariana na cabeça de Francelino, sempre pedindo colo, sempre querendo sua atenção, mal se aproxima do mesmo Francelino quando virado no Caboclo Ita. As crianças do terreiro vão sendo socializadas no cotidiano da mina e aprendendo os ritos como aprendem tudo o mais.

Em todas ou em quase todas as celebrações da casa, obrigações, tambores, estará presente Dona Mariana, a princesa cabocla filha do Rei da Turquia. Cedo ou tarde ela chega e comanda todo o ritual, assumindo a chefia da casa de Dona Jarina, que ela chama de irmã. Xica Baiana, encantada de Márcio, o pai-pequeno, é sua principal acólita.

Dona Mariana é sempre o centro das atenções e nenhum dos filhos de Pai Francelino disfarça a enorme devoção que todos têm por ela. Ela dança, canta, conversa, chama a atenção dos filhos, corrige o ritmo dos tambores, recebe as visitas e faz até discurso, quando a solenidade o exige. Quem frequenta o terreiro apenas durante os tambores dificilmente convive com o pai-de-santo, pois seu corpo e sua cabeça estão sempre tomados pela personalidade de Mariana. Ela fala por ele e pelo tambor-de-mina, é a grande porta-voz dos voduns e encantados do Maranhão em terras de São Paulo.

O tambor-de-mina em São Paulo

A história da Casa das Minas de Tóia Jarina inclui-se no processo de expansão e diversificação das religiões afro-brasileiras em São Paulo, em curso a partir dos anos 60. Componente de um movimento de migração do Nordeste e Norte, que trouxe para o Sudeste as mais variadas formas de cultos a orixás, voduns, inquices, encantados e antepassados, e que encontrou em São Paulo, assim como em outras grandes cidades da região, condições culturais e econômicas muito favoráveis, num processo de mudança sociocultural que incluía a valorização do que se considerava então as verdadeiras raízes da cultura brasileira, a chegada dos voduns do tambor-de-mina expressa uma demanda nova no contexto da sociedade secularizada, que é o pluralismo religioso com a possibilidade de livre escolha da religião num leque de possibilidades sacrais e mágicas, como num mercado religioso, que inclui, no limite, a formação da empresa religiosa, a multiplicação de templos através da franquia e a constituição do adepto como consumidor religioso. A sociedade diversifica-se em mercado, consumo, identidades, e assim também diversifica-se a religião.¹⁶

No tambor-de-mina paulista, como nas demais modalidades religiosas de

¹⁶ Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*, São Paulo, Hucitec, 1996.

origem negra presentes na cidade, misturam-se adeptos negros, pardos e brancos, sem distinção de origem racial, como mais um elo da cadeia que transformou a religião étnica em religião para todos. Através da atuação do seu líder, Pai Francelino Xapanã, a mina em São Paulo convive com modalidades da umbanda e do candomblé, em contatos que são, ao mesmo tempo, burocráticos, religiosos e culturais, sugerindo novas formas de influência e sincretismo: a diversidade construindo espaços de expressão de interesses comuns e dificuldades afins das religiões afro-brasileiras.

No terreiro, as relações entre os seguidores da religião dos voduns e encantados, que envolvem complexo conjunto de obrigações hierárquicas, interdependência, reciprocidade e formas de solidariedade muito bem delineadas, ampliam-se e se fortalecem com as redes de parentesco das inúmeras famílias de sangue que se emaranham no grupo de culto. Parentesco de santo e parentesco de sangue misturam-se e se enredam: ninguém está sozinho no tambor-de-mina. O controle social é generalizado e o grupo praticamente vai se fechando sobre si mesmo, como um núcleo duro que elabora respostas coletivas para a vida individual no cotidiano da sociedade além grupo de culto, para a vida de seus membros fora do terreiro. A religião é assim, ao mesmo tempo o espaço dos deuses, da família, do lazer, da socialização das crianças, da construção da identidade psicológica de cada um.

A organização dos voduns e encantados em famílias, cada uma com suas características e símbolos, datas de comemoração, obrigações e preceitos, exprime a necessidade de ordenação deste mundo a partir da ordenação do mundo sobrenatural. Nada está solto, isolado ou sozinho. O sentido da religião envolve a possibilidade de expressão de múltiplos egos, ninguém é uma coisa só. A possibilidade de um filho-de-santo receber mais de uma dezena de entidades é emblemática. E ao mesmo tempo que a mina promove essa capacidade de expressão individual múltipla quase ilimitada, ela organiza e regula as manifestações possíveis através da estrutura das famílias de entidades e do calendário das festas, fazendo da diversidade sinônimo de ordem e disciplinando, através da hierarquização iniciática, a possibilidade do caos antevista na variedade quase sem fim de manifestações de deuses, espíritos, encantados, numa multidão de representações sobrenaturais, anulando e redefinindo cada personalidade individual. Como se a regra fosse: somos um e somos tudo; é preciso experimentar cada possibilidade de sermos o outro, experiência que a sociedade nos nega na definição das classes e papéis sociais.

A religião tradicional que migrou e que se refez na cidade moderna vai assim se mostrando como imagem da sociedade atual, que é a sociedade da diferença e da multiplicidade. Nessa sociedade secularizada, onde não há mais

lugar para a religião única e hegemônica, capaz, como no passado recente, de ditar regras para a sociedade como um todo, nessa sociedade que não precisa mais de deuses, que seguem cultuados em vista, agora, das necessidades dos indivíduos, nessa sociedade a mina vai se expandindo como uma das infundáveis religiões da metrópole contemporânea. Como aconteceu com os orixás pouco antes, agora também os voduns vão se fazendo deuses metropolitanos.

Quadro 1.
Voduns assentados na Casa das Minas de Tóia Jarina

Família	Vodum	Nação	Orixá correspondente	Santo católico sincretizado com o vodum
Dambirá	Acóssi	jeje	Omulu-Obaluaê	São Lázaro
	Alogué	jeje	Ossaim	-
	Azile	jeje	Omulu-Obaluaê	São Roque
	Boçalabê	jeje	Euá	Santa Teresa
	Dangbê	jeje	Oxumarê	São Bartolomeu
	Euá	jeje-nagô	Euá	N. S. do Carmo
	Lepom	jeje	Omulu-Obaluaê	São Roque
	Naveorualim	jeje	Oxum	N. S. da Glória
Davice	Oruana	nagô	-	Santa Inês
	Polibogi	jeje	Omulu-Obaluaê	São Manoel
	Doçu	jeje	Ogum	Santos Reis
	Naé	jeje	Iemanjá	-
	Sepazim	jeje	-	-
Quevioossô	Zomadônu	jeje	Omulu-Obaluaê	Santos Reis
	Doçupé	jeje	Ogunjá	Santo Antônio
	Abê	jeje	Iemanjá	N. S. da Conceição
	Averequete	jeje-nagô	Xangô	São Benedito
	Badé	jeje-nagô	Xangô	São Pedro
	Boço Vonderegi	nagô	Xangô	Santo Antônio
	Lissá	jeje-nagô	Oxaguiá	Jesus Cristo
	Naná	jeje-nagô	Naná	Senhora Santana
	Navezuarina	nagô	Oxum	Santa Luzia
	Sobó	jeje	Oiá	Santa Bárbara
Savaluno	Xadantá	jeje	Xangô Airá	São José
	Xapaná	nagô	Omulu-Obaluaê	São Sebastião
	Agüê	jeje	Oxóssi	Santa Helena
orixá	Azacá	jeje	Oxóssi	São Sebastião
	Boço Jara	nagô	Logun-Edé	Santo Expedito
	Ogum	nagô	Ogum	São Jorge
	Oiá	nagô	Oiá	Santa Bárbara
	Oxum	nagô	Oxum	N. S. da Glória
Xangô	nagô	Xangô	São Pedro	
Ôdé	nagô	Oxóssi	Santa Helena	

Quadro 2.
Frequência dos voduns assentados
e dos correspondentes orixás

Vodum	número de casos	Orixá correspondente	número de casos
Naveorualim	7	Oxum	16
Navezuarina	6		
Oxum	3		
Abê	13	Iemanjá	14
Naê	1		
Doçu	10	Ogum	12
Doçupé	1		
Ogum	1		
Sobô	6	Oiá-Iansã	11
Oiá	5		
Badé	6	Xangô	11
Averequete	2		
Vonderegi	1		
Xadantã	1		
Xangô	1		
Xapanã	1		
Xapanã	1	Omulu-Obaluaê	11
Acóssi	4		
Lepom	3		
Zomadonu	1		
Polibogi	1		
Azile	1		
Agúê	4	Oxóssi	6
Azacá	1		
Odé	1		
Lissá	4	Oxaguiá	4
Euá	2	Euá	3
Boçalabê	1		
Boço Jara	2	Logun-Edé	2
Naná	1	Naná	1
Alogué	1	Ossaim	1
Dangbê	1	Oxumarê	1

Quadro 3.
Iniciados Dançantes e seus Voduns e Tobóssi

Ordem de iniciação dos filhos dançantes	Iniciado	Ano de iniciação	Cargo sacerdotal	Vodum Principal	Vodum Adjuntó	Tobóssi
	Pai Francelino	1964	Pai, Tóí Vodunonn	Xapaná (Azonce)	Sobô (*)	Assuobebê
1	Norma	1979	afastada	Doçu	Abê	
2	Oraci	1979		Naveorualim	Acóssi	
3	Enedina	1981	com casa em Curitiba	Euá	Lissá	Agamavi
4	Ernesto	1982	falecido	Badé	Euá	
5	Arivaldo	1982	falecido	Oiá	Docupé	
6	Márcio Adriano	1984	pai-pequeno	Boço Jara	Sobô	Idojaci
7	Sandra Aparecida	1984	mãe-pequena	Xadantá	Naveorualim	Sindoromim
8	Joaquim	1984	falecido em 1992	Averequete	Sobô	Bereboci
9	Marcos Antônio	1984	com casa em São Paulo	Badé	Oruana	Elacindê
10	Ana Maria	1985		Lissá	Abê	
11	Manoel	1986	falecido em 1989	Polibogi	Navezuarina	
12	Fernando	1987		Doçu	Naveorualim	
13	Sueli	1987		Agûê	Sobô	Delobê
14	Solange Maria	1987	com casa em Belém	Abê	Lepom	Azondolabê
15	Vitória	1987	afastada	Sobô	Doçu	
16	Cidnéia Maria	1987	falecida em 1993	Naveorualim	Doçu	
17	Jandira	1987		Naná	Agûê	
18	Maria Rosa	1987	afastada	Oxum	Xangô	
19	Reinaldo	1988		Azacá	Oiá	
20	Nelson	1988	com casa em Diadema	Abê	Badé	Dandalossim
21	Airton	1989		Boço Jara	Navezuarina	
22	João Batista	1989	com casa em Santo André	Naveorualim	Lissá	Anarodim
23	Alberto Jorge	1990	com casa em Manaus	Badé	Sobô	
24	Maria da Glória	1990	com casa em Itatiba	Abê	Doçu	
25	Carlos Eduardo	1990	afastado	Ogum	Oxum	
26	Miriam	1990		Doçu	Abê	
27	Lairton	1990	com casa em Porto Velho	Naveorualim	Doçu	
28	Vera Lúcia	1990	com casa em Guarulhos	Navezuarina	Agûê	Iralabê
29	Cantora	1990		Abê	Acóssi	
30	Leonardo	1991	com casa em São Paulo	Doçu	Navezuarina	Aquicilobê
31	Maria Noêmia	1991	com casa em São Paulo	Odê	Oxum	
32	Dinorá	1991	falecida	Abê	Lissá	
33	Iracy	1991	com casa em Diadema	Agûê	Abê	Huessobê
34	Edilson	1992		Badé	Navezuarina	
35	Sérgio	1992		Averequete	Oiá	
36	Kátia	1992		Oiá	Docupé	
37	Elizabete	1993		Oiá	Acóssi	
38	Alzenir	1993		Zomadônu	Abê	
39	Antônio Aramizio	1994		Doçu	Naê	
40	José Divino	1994		Lepom	Naveorualim	
41	Vicente Leonel	1995		Badé	Navezuarina	
42	Deusane Regina	1995		Abê	Lepom	
43	Maria Aparecida	1995		Abê	Azile	
44	Antônio Bernardino	1996		Acóssi Sapatá	Abê	

(*) Pai Francelino recebe também Doçu, que comanda a casa o ano inteiro, presidindo as iniciações.

Quadro 4.
Iniciados Dançantes e seus Encantados

Iniciado	Família de Leão	Família da Turquia	Família da Baía	Família da Bandeira	Família de Codó	Família da Gama	Família de Surrupira	Outras famílias
Pal Francellino	Jarina e Ricardino	Mariana, Guerreiro de Alexandria e Menino de Léria		João da Mata Rei da Bandeira e Caboclo Ra	Zé Raimundo Boi Buá Sucema Trindade	Batza da Gama		
Norma			Balano Grande Constantino Chapéu de Couro	João da Mata Rei da Bandeira				
Oraci	Princesa Moça Fina de Otá	Rosário e Tapindaré			Joana Guença		Vô Surrupira	
Eneida	Dom Antônio do Juncal	Japetaquara			Maria de Léguas	Boço da Escama Dourada	Indio Velho	
Ernesto								
Aivaldo	D. João Soeira, Barão de Guaré e Princesa Juliana	Tapindaré		Taguacé				Martim Pescador
Márcio Adriano	Rainha Bárbara Soeira e Boço Lauro das Mercês	Tabajara e Itacolomi	Xica Balana	Tombacé	Oscar de Léguas	Boço do Capim Limão	Surrupirinha do Ganga	
Sandra Aparecida	Princesa Flora e Tói Zezinho de Maramadá	Tapindaré		Serraria	Teresa de Léguas		Trucoeira	
Joaquim		Jaguarema e Herundina			Francisquinho da Cruz Vermelha			Caboclo Jackra (Mata)
Marcos Antônio	Dom João Soeira	Balanco e Ubirajara		Princesa Iracema	Zé Raimundo e José de Léguas		Mata Zombana	
Ana Maria	Moça Fina de Otá			Jondá				Júlio Galeno (Marinho)
Manoel			Mané Balano					Caboclo Pena Branca (Mata)
Fernando		João Guerreiro						
Sueli		Maresia		Princesa Linda	Dorinha Boi Buá e Antônio de Léguas	Rainha Anadé		
Solange Maria	Princesa Flora e Dom João Soeira			João da Mata	Expedito de Léguas			
Vitória		Ubiratá	Zé Moreno					Caboclo Jussara (Mata)
Cidnéia Maria	Princesa Indira	Caboclo da Iha	Rita de Cássia					Caboclo São Cachoeiras (Mata)
Jandira	Menina do Caidó	Mariano			Aderaldo Boi Buá		Tucumã	Caboclo Flecheiro (Mata)

continua

Quadro 4.
Iniciados Dançantes e seus Encantados (continuação)

Iniciado	Família do Lençol	Família da Turquia	Família da Bala	Família da Bandeira	Família de Codó	Família da Gama	Família de Surrupira	Outras famílias
Maria Rosa								
Reinaldo		Guapindaia			Lourenço de Léguas e Alexo Boj Buá		Tananga	
Nelson		Mensageiro de Roma	Corisco		Zé Raimundo e Zeferina de Léguas			
Airton	Barão de Guaré	João da Cruz e Herudina		Caboclo Ita				
João Batista				Caboclo Ita				Mestra Luzária (Mestres da Jurema)
Alberto Jorge	Roi Dom Sebastião			João da Mata	Manezinho de Léguas e Zulmira de Léguas			Boço Carlos Marinheiro
Maria da Glória	Princesa Moça Fina de Otá	João de Leme						Boiadeiro
Carlos Eduardo								Caboclo Rompe Selva
Miriam		Menino do Morro	Corisco	Patió	Pequeninho		Zimbarué	
Lairton		Mariana e Tupinambá			Zé Raimundo Bogi Buá			
Vera Lúcia	Barão de Guajá	Juracema	Maria do Balão	Senhora Danã				Cabocla Guaciara (Juremera)
Cantora		Caboclo Rosário			Manezinho de Léguas			Marinheiro
Leonardo	Príncipe Alterado e Barão Acaráj	Candeias	Zeferino	Dandairino	Antônio de Léguas	Boço do Capim Limão	Caboclo Nagorigonga	Caboclo Zuri (Mata) e Marinheiro Gu-mercindo
Maria Noêmia			João Baiano					
Dinorá								Marim Pescador
Izacy		Guaraci						
Edison	D. Carlos e Princesa Linda do Mar	Senimela		Caboclo do Munir	Mearim e Folha Seca			Dona Jurema (Mata)
Sérgio								
Kátia								
Elizabeth		Caboclo da Ilha			Maria Rosa			Cabocla Guaraciara (Mata)
Alzenir				Espadinha	Caboclinho			
Antônio Aramizio				Araúna				
José Divino	Barão de Guaré	Tabajara			João de Léguas			
Vicente Leonel			Silvino		Manezinho de Léguas			Folha da Manhã
Deusane Regina				Prinã	Cristina de Léguas			Marinheiro
Maria Aparecida								Marinheiro e Cabocla Jurema
Antônio Bernardino								

Quadro 5.
Iniciados Não-Dançantes e seus Voduns

Iniciado	Ano iniciação	Cargo sacerdotal (*)	Vodum principal	Vodum adjunto
1. Pedro	1986	huntó de Sobó	Badé	Abê
2. Queovany	1986	huntó e axogum da Encantaria	Lepom	Naveorualim
3. Dinho	1987	alabê	Lissá	Abê
4. Edison	1988	huntó de Xapaná	Lepom	Sepazim
5. Henrique	1991	huntó	Alogué	Naveorualim
6. Sônia	1991	equede	Sobó	Doçu
7. Márcio	1991	alabê	Averequete	Sobó
8. José Augusto	1991	agaipi	Ogum	Oiá
9. Regina	1992	equede	Sobó	Agûê
10. Paulo	1993	alabê	Lissá	Navezuarina
11. Carlos José	1994	alabê	Boço Vonderegi	Navezuarina
12. Aratan	1995	agbagigá	Dangbê	Naveorualim

(*) Cargos: agaipi, sacrificador (jeje); alabê, tocador de tambor (jeje); axogum, sacrificador (nagô); equede (nagô) ou vodunci-poncilê (jeje), mulher que zela pelas entidades em transe; huntó, tocador-chefe (jeje); agbagigá, encarregado dos assentamentos (jeje).